

Wikileaks: o vazamento de informações secretas como forma de contra-hegemonia¹

Wikileaks: the leak of secret information as a form of conter-hegemony

Edson Mendes Nunes Junior*

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a atuação da organização Wikileaks como ator independente na política internacional. Fundado em 2006, o grupo, que tem como principal figura Julian Assange, é conhecido por ter vazado documentos secretos que envolvem alguns dos principais atores das relações internacionais. O questionamento feito pelo artigo é como caracterizar a atuação do grupo na política internacional vigente, considerando como hipótese que a organização executa o papel de uma mídia contra-hegemônica, diante da estrutura e das estratégias utilizadas. Busca-se, assim, entender o impacto do formato de mídia representado pelo *Wikileaks* na ordem mundial atual. Para responder a questão, utiliza-se a perspectiva neogramsciana nas Relações Internacionais, tendo como autor principal Robert Cox. São brevemente introduzidos, por fim, três episódios para demonstrar a maneira como o grupo atua: As eleições estadunidenses de 2016; Os arquivos revelados sobre a Guerra do Iêmen; Os documentos da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos vazados pelo *Wikileaks*.

Palavras-chave: Wikileaks. Contra-hegemonia. Mídia. Gramsci. Ciberespaço.

Abstract

The following article aims to discuss about the performance of the Wikileaks organization as an independent actor in international politics. Founded in 2006, the group, whose main figure is Julian Assange, is known for having leaked secret documents that involve some of the major actors in international relations. The question raised by the article is how to characterize the group's performance in the current international politics, considering as hypothesis that the organization performs the role of a counter-hegemonic media, given the structure and strategies used. The objective is to understand the impact of this media format represented by Wikileaks in the current world order. To answer the question, the neo-gramscian perspective in International Relations is used, with Robert Cox as lead author. Finally, three episodes are briefly introduced in order to demonstrate the group's way of action: The US elections of 2016; The archives revealed about Yemeni Civil War; The documents of the Central Intelligence Agency of the United States leaked by the organization.

Keywords: Wikileaks. Counter-hegemony. Media. Gramsci. Cyberspace.

1. Esse artigo é fruto de meu trabalho de conclusão de curso em Relações Internacionais no Centro Universitário IBMR. Agradeço a minha orientadora, professora Ivi Vasconcelos Elias, pelo incentivo e apoio.

* Graduado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário IBMR, graduando e mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Contato: eddiemendes94@gmail.com.

Introdução

A construção do ciberespaço², iniciada no século XX, ao mesmo tempo em que sinaliza uma crescente possibilidade de inovações, como na construção de novos meios de comunicação, também deixa em aberto as maneiras como esse processo será recebido e apropriado pela sociedade, em seus aspectos econômicos, técnicos e sociais (LÉVY, 2010). Essa transformação, ao longo dos anos, atinge a maneira como funcionam os mercados e o capitalismo atual, que alguns autores classificam e caracterizam como cognitivo, onde ocorre uma disputa entre socializar e privatizar o conhecimento e a cultura (ALBAGLI; MACIEL, 2012).

Neste contexto, a ação de *whistleblowers* – indivíduos que, por motivações subjetivas e, sem apresentar interesse em denunciar outros para benefício próprio, expõem ações ilícitas – representaria a escolha do indivíduo de democratizar o acesso a informação e lutar pela transparência (OLIVEIRA, 2015). O Caso *Snowden* em 2013, que revelou uma rede de espionagem de líderes, empresas e cidadãos comuns de outros países e do próprio povo estadunidense realizada pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos, é um exemplo da necessidade de abordar e debater sobre este tipo de ação que atinge todo o sistema internacional (GREENWALD, 2014).

Outro exemplo é o *Wikileaks* que, segundo seu próprio fundador, é uma organização que tem como missão “receber informações de denunciadores, divulgá-las ao público e se defender dos ataques legais e políticos” (ASSANGE, 2013, p. 37). Este ator se insere no cenário internacional utilizando-se do ciberespaço, contornando e, muitas vezes por meio de movimentos como os chamados *cyber-phunks*, questionando a soberania estatal (LÉVY, 2010).

O presente trabalho investigará a seguinte questão: “Como pode ser caracterizada a atuação do *Wikileaks*, uma organização que busca administrar e potencializar as denúncias de *whistleblowers* utilizando a mídia *mainstream*, em um sistema internacional que carrega profundas desigualdades, com uma ordem mundial moldada pela hegemonia estadunidense?”. Este questionamento é fundamentado para compreender os episódios de vazamentos de documentos em massa realizados pela entidade ao longo dos últimos anos.

2. Ciberespaço, segundo Pierre Lévy (2010), é um espaço para comunicação aberta entre computadores que atravessa fronteiras e leis de Estados (LÉVY, 2010).

Assim, entende-se como hipótese que o *Wikileaks* pode ser caracterizado como uma forma original de contra-hegemonia³ por apresentar: Uma estrutura organizacional que potencializaria as revelações de indivíduos que agem como *whistleblowers* por meio da mídia *mainstream* e da clandestinidade, possibilitada devido as mesmas tecnologias usadas para o controle de informações, atingindo a ordem mundial vigente; Uma estratégia que, através de seu procedimento de autenticidade, promoveria a revelação em grande quantidade de documentos secretos e sigilosos de forma planejada.

O trabalho abordará a contribuição neogramsciana para a área das relações internacionais, entendendo que essa perspectiva é capaz de contemplar a conjuntura internacional com uma nova realidade de denunciante ligados à novas tecnologias, por questionar como é constituído o Estado e a própria construção da ordem mundial. Robert Cox (1993), um dos principais autores dessa perspectiva, vai trabalhar, à luz de conceitos de Antonio Gramsci, como hegemonia, aplicados no contexto das relações internacionais, maneiras de entender e superar a ordem hierárquica entre classes sociais estabelecida, que as outras grandes teorias, liberalismo e realismo, não conseguem romper, pois a carregam como base para a construção de suas reflexões.

A metodologia utilizada neste artigo configura-se em uma pesquisa qualitativa. Desta forma, será desenvolvida uma análise exploratória sobre o *Wikileaks*, sua estratégia e seu processo de atuação na conjuntura internacional. Para a pesquisa bibliográfica, serão utilizados periódicos acadêmicos, artigos científicos, livros e documentos para coleta de informações durante o trabalho. Por se tratarem de episódios recentes, a busca de bibliografia sobre os três exemplos de atuação da organização, introduzidos ao final do trabalho, se mostrou limitada, porém trouxe, da mesma forma, informações que contribuiriam para responder a problemática e testar a hipótese apresentada.

Cox e a perspectiva neogramsciana

Ao retomar ideias marxistas e aplicá-las às relações internacionais, de maneira não determinista ou economicista, autores como

3. Contra-hegemonia é entendida, aqui, como ações que visam o rompimento com a estrutura hegemônica vigente para a formação de um novo bloco histórico, modificando as relações materiais e sociais (COX, 1993).

Cox conseguem iniciar um debate diferenciado das teorias tradicionais, liberalismo e realismo (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Por entenderem que a teoria deve encontrar-se ligada às ações práticas e que são necessárias mudanças radicais na hierarquia existente entre os Estados, são favoráveis a diferentes movimentos sociais que buscam atingir a ordem mundial atual (GRIFFITHS, 2004). Esta, entendida por Cox como uma estrutura histórica, seria composta por três aspectos: as capacidades materiais, ou seja, o domínio do campo econômico; as instituições, que auxiliariam na conservação e perpetuação do controle da ordem; as ideias, por onde a classe dominante reproduziria sua ideologia como verdade única (SILVA, 2005).

Entendem, ainda, que toda teoria está inserida em seu contexto histórico, feitas a partir de perspectivas e com propósitos próprios. (COX, 1981). O caráter prático do marxismo pode ser compreendido pela frase de Marx (1846): “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 1846, p. 539). Com isso, modificar substancialmente a estrutura hierárquica na qual se encontram os Estados, segundo Robert Cox (1993), significa mudanças intensas nas relações sociais e na ordem política nacional de cada governo.

Contudo, como demonstrado por Cox (1981), a diferença das chamadas teorias críticas para teorias de solução de problemas está no fato de que a primeira, entendendo a dinâmica existente na realidade, busca transformá-la, enquanto a segunda, partindo da ordem como ela é, não questiona a origem dos problemas que busca solucionar, limitando sua capacidade de ação. Dessa forma, apesar de serem úteis para explicar o funcionamento do sistema internacional, as teorias de solução de problemas, como o realismo, serviriam como ferramenta de supressão de alternativas que empenham-se em modificar a política mundial (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

A ideologia, entendida como “falsa consciência” em Marx e Engels (2010) é uma aceitação de axiomas, sem questioná-los, de onde partiriam as reflexões dos pensadores, com base, principalmente, no modo de produção, ou seja, na maneira como a sociedade produz e distribui riquezas. Os teóricos críticos se empenharão em revelar os aspectos, não somente materiais (econômicos), mas também sociais presentes na ideologia dominante (GRIFFITHS, 2004). É afirmado, portanto, que “A tarefa do questionamento crítico é, por definição, elevar o povo a um nível de consciência ‘verdadeira’.” (GRIFFITHS, 2004, p.171).

Deste modo, a construção de instituições a partir dos interesses da classe dominante, garantindo, igualmente, a predominância de suas ideologias, seria o movimento feito da infraestrutura (de caráter econômico) para o complexo superestrutural (leis e cultura, por exemplo) que garantiria a hegemonia (COX, 1993). Este conceito, que diferenciaria Gramsci da teoria leninista e das práticas revolucionárias realizadas na Revolução Russa, seria um protagonismo de um grupo dominante em um período histórico, a partir do uso da coerção e do consentimento das classes dominadas (COUTINHO, 2012a).

Tal distinção de Lenin se dá por conta da ampliação do conceito do Estado realizada por Gramsci, onde esse comportaria não somente o governo, mas também a sociedade civil, através de instituições como igrejas, sistema educacional e mídia (COX, 1993). Althusser (1999) busca entender a maneira como a classe dominante mantém sua hegemonia, utilizando o aparelho estatal. Dessa forma, o Aparelho Repressivo do Estado, predominantemente coercitivo, como a polícia, garantiria a hegemonia pelo uso da força, enquanto os Aparelhos Ideológicos do Estado, como a imprensa, assegurariam o domínio através da ideologia (ALTHUSSER, 1999).

Fred Halliday (2008), contudo, aponta que o pensamento althusseriano, com seus conceitos de Aparelhos Ideológicos e Aparelho Repressivo, acaba deixando pouco espaço para a contradição e luta da classe dominada, evidenciando um determinismo de aspectos socioeconômicos na maneira como se constroem as instituições. Já o pensamento neogramsciano de Robert Cox, terá como foco o potencial emancipatório do ser humano e seus agrupamentos em enfrentar e contestar a ordem hegemônica (HALLIDAY, 2008).

A estratégia que deveria ser utilizada pelo Ocidente, segundo Gramsci, para atingir a hegemonia da classe dominante, é a chamada *war of position*, em contraste com a estratégia da Revolução Russa *war of movement* (COX, 1993). A primeira trata-se de uma conquista das esferas da sociedade civil, atingindo o consenso da maioria da população tomado pela classe dominante e sua ideologia, enquanto a segunda ocorreria pelo ataque direto ao governo, onde a classe trabalhadora buscaria a conquista do Estado (COUTINHO, 2012a). Como apontado por Cox (1993), pela guerra de posição seria possível a criação de instituições e organizações de combate a hegemonia, ainda que dentro desta:

Para construir a base de um estado e sociedade alternativos sobre a liderança da classe trabalhadora significa criar instituições alternativas e recursos intelectuais alternativos dentro da sociedade existente e construir pontes entre trabalhadores e outras classes subordinadas. Significa construir ativamente uma contra-hegemonia dentro de uma hegemonia estabelecida, enquanto resiste às pressões e tentações de recair na busca de ganhos incrementais para grupos subalternos dentro da estrutura da hegemonia burguesa (COX, 1993, p. 53).⁴

Emancipar-se, portanto, seria transformar a ordem mundial vigente, sendo guiado por uma teoria, com função ligada à ação (SILVA, 2005). Esta ideia retoma o pensamento de Lenin (1988): “Sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária” (LENIN, 1988, p.25). A partir dessa mudança, seria construído, portanto, o que Gramsci chama de um novo bloco histórico, ou seja, a relação dialética entre infraestrutura e superestrutura que permitem a perpetuação da hegemonia, onde uma classe dominante é responsável por manter uma identidade comum e coesão (COX, 1993).

Contra-hegemonia

Contra-hegemonia, como demonstrado por Souza (2013), não é um conceito formulado por Gramsci, porém é entendido por autores gramscianos a partir de suas ideias, que já incluíam uma espécie de contestação ou ataque a hegemonia. É importante levar em consideração, de início, que qualquer alternativa à hegemonia estará, ao mesmo tempo, ligada a esta, mesmo que produzindo, de maneira autêntica, novos paradigmas (WILLIAMS, 1979). Pode-se afirmar, portanto, que a própria constituição de uma ordem produz, de maneira dialética, os meios contra-hegemônicos (WILLIAMS, 1979).

Entende-se, ainda, que a hegemonia no âmbito internacional deixa os países periféricos subordinados aos do centro, não somente pelo modo de produção vigente, mas também em aspectos políticos e sociais, pela criação de regras, instituições, burocracias e mecanismos que auxiliam na manutenção da ordem (COX, 1993).

4. To build up the basis of an alternative state and society upon the leadership of the working class means creating alternative institutions and alternative intellectual resources within existing society and building bridges between workers and other subordinate classes. It means actively building a counter-hegemony within an established hegemony while resisting the pressures and temptations to relapse into pursuit of incremental gains for subaltern groups within the framework of bourgeois hegemony (COX, 1993, p. 53).

Livrar-se do domínio hegemônico passa, como demonstra Gramsci (1999), pelo trabalho realizado por intelectuais orgânicos, que se diferenciam dos intelectuais simples (qualquer ser humano), pois eles levarão a teoria que supera o conhecimento do senso comum para as massas, tornando-o, portanto, um senso comum renovado.

Para Coutinho (2012b), a ideia de revolução passiva, utilizada por Gramsci, se diferencia da revolução popular, como a ruptura realizada pelos jacobinos na Revolução Francesa, pois ela apresentaria concessões da classe dominante para classes mais baixas, buscando a conservação da ordem. Uma das suas possíveis consequências, porém, seria o transformismo, que ocorreria quando intelectuais e lideranças políticas das classes subalternas seriam incorporados pelas classes dominantes, com o objetivo de interromper o processo de mudança social (COUTINHO, 2012b).

O processo contra-hegemônico só seria possível, portanto, através de uma ruptura significativa com a ordem mundial, não somente em aspectos econômicos, mas também nos sociais e políticos, levando a formação de um novo bloco histórico pela estratégia da guerra de posição (COX, 1993). Gramsci aponta para a organização da classe operária em um partido, também chamado de “príncipe moderno”, inspirado em Maquiavel, que exerceria o papel de levar a vontade coletiva transformadora (COUTINHO, 2012a).

A organização partidária de Gramsci representaria, além de uma organização política, uma ponte entre os trabalhadores camponeses e urbanos, tendo caráter universalizante, exercendo o papel de “intelectual coletivo” (COUTINHO, 2012a). Este aspecto retoma a ideia de Lenin (1988) do partido revolucionário para a Rússia, onde a função do partido deveria consistir em um trabalho de conscientização e agitação das massas (LENIN, 1988). A tarefa de romper com a hegemonia atual seria fundamentada, por fim, na criação de novos blocos históricos por dentro das fronteiras nacionais (COX, 1993).

Internet e poder

O ciberespaço, como local de comunicação aberto, acessado a partir de computadores interconectados por todo o mundo, é disputado por diversas instituições que buscam exercer nele seu domínio (LÉVY, 2010). Ao mesmo tempo, abre-se espaço para in-

divíduos, independentemente de sua origem geográfica ou social, acessarem, produzirem, interpretarem e divulgarem informações e dados (LÉVY, 2010). Brito (2015), em seu estudo sobre Poder Informacional, desenvolve sobre o investimento estadunidense para garantir sua hegemonia na internet, levando outros Estados a abrirem mão de sua soberania nacional, ao armazenar seus dados e informações nos Estados Unidos.

Ideologicamente, portanto, fantasia-se um avanço inevitável de tecnologias de armazenamento e comunicação, desenvolvidas em grande parte por empresas privadas com sede principal nos Estados Unidos (BRITO, 2015). Neste mesmo sentido, é entendido por Gramsci que a imprensa tem papel fundamental em produzir um consenso que legitima, em uma sociedade capitalista, a forma pela qual o poder é exercido. (MORAES, 2016).

Dentre os meios de comunicação disponíveis, o caráter universal do desenvolvimento do ciberespaço estimula a interconexão de homens, tecnologias e informações, porém sem uma atuação apenas passiva do receptor como ocorre no rádio e na televisão (LÉVY, 2010). A desinformação, que ocorre pela ausência de informação, manipulação da informação ou pelo engano proposital, seria ampliada pelo uso da internet, devido à falta de um mediador como em outros meios de comunicação (BRITO, 2015).

Usualmente, além do fato de que tendem a ter uma organização interna mais democrática que as mídias já estabelecidas, as mídias contra-hegemonicas apresentam dois propósitos: expressar uma oposição direta, confrontando uma estrutura de poder; buscar auxílio e sentimento solidário na construção de uma organização horizontal contrária a ações do Estado (DOWNING, 2002). Procura-se, então, desafiar a desinformação, a decepção, entendida por Brito (2015) como a negação da informação com o intuito de enganar o receptor, e as operações psicológicas, uma negação em massa da informação que busca desestimular a resistência da população a ações e interesses do Estado (BRITO, 2015).

O Wikileaks

Wikileaks, segundo seu próprio *website*, é uma organização transnacional especializada na análise e publicação de dados e documentos censurados ou restritos (WIKILEAKS, 2015). Como explicado por seu fundador e personagem mais conhecido, Julian Assange:

“WikiLeaks é uma biblioteca gigante dos documentos mais perseguidos do mundo. Damos asilo a esses documentos, analisamos, promovemos e obtemos mais. O WikiLeaks tem mais de 10 milhões de documentos e análises associadas agora.” (ASSANGE, 2015a).⁵

O financiamento da organização é feito através de apoiadores de diversas partes do mundo. O bloqueio de transferências de doações para o *Wikileaks*, realizado em 2010 por grandes instituições bancárias, atingindo diretamente os altos gastos com manutenção e advogados, se mostrou um exemplo de “uma nova e perturbadora forma de censura econômica global” (ASSANGE, 2013). Percebe-se, assim, a tentativa de atingir a entidade em sua infraestrutura, impossibilitando fontes de recursos, controlando a hospedagem da organização em sites e sua conexão (SILVEIRA, 2012).

O *Wikileaks* não aceita doações vindas de governos e grandes corporações, limitando-se, portanto, aos recursos recebidos de jornalistas, ativistas, pessoas ligadas a novas tecnologias (MEY, 2010). O Conselho do grupo, formado por nove membros⁶, é exposto em seu *website* oficial, apresentando membros de países como China, Austrália e Brasil⁷.

Internet e materialismo

Para compreender a estrutura do *Wikileaks*, é importante analisarmos, também, a materialidade da internet, muitas vezes tratada como abstrata. Como afirma Assange (2013), criticando a ideia de “natureza platônica” do virtual:

o novo mundo da internet, abstraído do velho mundo dos átomos concretos, sonhava com a independência. No entanto, os Estados e seus aliados se adiantaram para tomar o controle do nosso novo mundo – controlando suas bases físicas. O Estado, tal qual um exército ao redor de um poço de petróleo ou um agente alfandegário forçando o pagamento de suborno na fronteira, logo aprenderia a alavancar seu domínio sobre o espaço físico para assumir o controle do nosso reino platônico (ASSANGE, 2013, p. 27).

5. “WikiLeaks is a giant library of the world’s most persecuted documents. We give asylum to these documents, analyze them, promote them and obtain more. WikiLeaks has more than 10 million documents and associated analyses now.” (ASSANGE, 2015a)

6. Cabe ressaltar as críticas feitas por Daniel Domscheit-Berg (2012), ex-membro do *Wikileaks*, que incluem, por exemplo, o forte personalismo que a organização apresenta com relação a figura de Julian Assange, além do uso político das publicações.

7. Disponível em: < https://wikileaks.org/wiki/WikiLeaks:Advisory_Board >. Acesso em: 09 abr. 2017.

Dessa forma, é possível entender que a maneira como se arquiteta a internet, em servidores, cabos de fibra ótica e satélites, por exemplo, está bem distante da abstração do senso comum, que a ela se refere como nuvem e mundo virtual (LÉVY, 2010). Deixar informações em tecnologias de armazenamento localizadas em outro país demonstra a perda de parte da soberania por parte de um Estado (BRITO, 2015). Assim, poucos têm o controle físico da internet, possibilitando uma interceptação estratégica de dados de acordo com seus interesses (ASSANGE, 2013).

O mercado da vigilância em massa, bastante competitivo atualmente pelos governos, se aproveita da venda do ideal de liberdade da comunicação que a mesma tecnologia permite (ASSANGE, 2013). Assim, a ideia de uma “aldeia global” levaria ideologicamente este aspecto irreversível de submissão as novas tecnologias, mesmo que estas signifiquem uma exposição da segurança do Estado a interesses de nações hegemônicas (BRITO, 2015).

Para Assange (2015b), portanto, o *Wikileaks* representa uma ameaça não somente a Estados poderosos ou que praticam sua governança de forma corrupta e autoritária, mas também a empresas que aparentem exercer, junto a governos, atividades de captação ilegítima de dados que podem ser utilizados como ferramenta de poder na geopolítica global. É o caso, por exemplo, da *Google*, definida pelo autor como uma potência hegemônica que ameaça a privacidade, através de uma imagem filantrópica e visionária, se diferenciando da visão comum de empresas que buscam lucro e poder (ASSANGE, 2015b).

A privatização de empresas de tecnologia de comunicação, além da desregulamentação desse mercado, foram estratégias relevantes, como demonstrado por Brito (2015), para o desenvolvimento do poder estadunidense na arquitetura informacional global. A discussão entre a relação próxima de empresas privadas, como a *Google*, com o governo dos Estados Unidos faz delas uma ferramenta geopolítica e agente de política externa, levando uma dominação contínua, com consentimento, através, por exemplo, da oferta de “armazenamento gratuito”, e coerção, com retaliação pública a iniciativas como o *Wikileaks* (ASSANGE, 2015b).

Pirâmide da censura

Por conta das diferentes formas de censura sofridas pela or-

ganização, esta teve um funcionamento comparado com o de uma guerrilha, mudando o local de sua infraestrutura física e humana a todo o momento (ASSANGE, 2015b). Sua estrutura, portanto, apresenta uma capacidade de locomoção diferente de outros tipos de organizações, principalmente por conta do uso das novas tecnologias. O uso desta estratégia nômade, porém, é impactada em função das dificuldades enfrentadas pelo fundador da *Wikileaks* em denúncias de assédio sexual na Suécia, deixando-o paralisado na Inglaterra (LEIGH; HARDING, 2011). O meio em que o grupo se insere, em questão de censura, é descrito por Assange (2015b) da seguinte forma:



Figura 1 • Pirâmide da censura

Fonte: Adaptado de ASSANGE, 2015b, p.65.

Percebe-se que os dois primeiros níveis, de caráter coercitivo, são os momentos em que se encontra evidente a censura, por isso serão os principais alvos da organização, representadas pelo próprio Estado, principalmente em seu sistema judiciário (Figura 1). Após a revelação de telegramas diplomáticos em 2010, a visão da organização como perigosa e traidora, demandando punições, foi repercutida na mídia, partindo de figuras políticas estadunidenses como Sarah Palin, Peter King e Pete Hoekstra (LEIGH; HARDING, 2011). Da mesma forma, a prisão de Julian, acusado de crimes sexuais, foi abertamente bem recebida por personagens como Robert Gates, na época Secretário de Defesa dos Estados Unidos (LEIGH; HARDING, 2011).

Os dois níveis seguintes (Figura 1), que não são censuras realizadas por meio da coerção, ocorrem devido fato de indivíduos que, sabendo da possibilidade de estar sendo vigiados e monitorados, passam a se comportar de forma pacífica, consentindo com o sistema de censura através da autocensura, o primeiro buscando evitar sanções e o segundo pela escolha de não abordar temas que colocariam em risco empregos e a vida pessoal (ASSANGE, 2013). Neste cenário, pode ser entendida a ideia de Aparelhos Ideológicos do Estado, instituições privadas ou públicas, que, agindo de forma diferente da repressão e da violência, moldam os indivíduos pela ideologia (ainda que carreguem aspectos repressivos), como escolas, igrejas, cultura e a mídia (ALTHUSSER, 1999).

Por fim, a base da pirâmide, que abrange o maior número de pessoas, é formada por aqueles sem acesso à comunicação, possivelmente por morar em locais distantes do foco da indústria da informação e com pouco acesso à internet, pessoas que não sabem ler, e, ainda, as vítimas do que é classificado como censura por complexidade (ASSANGE, 2015b). Por exemplo, a dificuldade de se conseguir abrir e modificar componentes de computadores, muitos dos quais já carregam, em sua infraestrutura, ferramentas para monitoramento e controle, não permite o entendimento das pessoas sobre a máquina, fazendo-as se submeter às pessoas com capacidade de controlar os sistemas dessas tecnologias (ASSANGE, 2013).

Autenticação

A manipulação de um conteúdo, como um documento, requer um alto grau de trabalho econômico e capacidade técnica, o que desencoraja, ou ao menos dificulta, o envio de informações falsas que passem por possíveis avaliações da organização e de quem tiver acesso, após a publicação (ASSANGE, 2015b). Como demonstrado por Downing (2002), a crítica de que mídias contra-hegemônicas, quando atuam na internet, estão diretamente ligadas a informações não confiáveis ignora que a própria mídia oficial, por muitas vezes, divulga inverdades (DOWNING, 2002). Apesar disso, a desinformação como engano proposital também ocorre nas novas tecnologias da informação, busca-se legitimar interesses hegemônicos a partir de informações falsas (BRITO, 2015).

Outro aspecto interessante é o fato de que o grupo revela os documentos falsos, afirmando seu caráter inverídico para o públi-

co, com o objetivo de mostrar possíveis interesses por trás das falsificações (ASSANGE, 2015b). A checagem da autenticação pode ser feita, por exemplo, pela checagem de assinaturas ou busca de erros primários no próprio documento (ASSANGE, 2015b).

A possibilidade de relevar milhares de segredos, com o avanço das tecnologias de armazenamento, resulta, igualmente, em um alto número de informações nada interessantes ou relevantes sendo expostas (SERRA, 2012). Como afirmado pela tecno-socióloga Zeynep Tufekci (2016), tal estratégia de vaziar qualquer documento na íntegra, mesmo que seja um arquivo irrelevante, pode desencadear um novo tipo de censura: sobrecarregar o público com dados sem importância, impossibilitando seu foco em informações realmente úteis (TUFEKCI, 2016). Este mesmo aspecto é destacado por Brito (2015), ao discursar sobre o entendimento da superexposição a informação como forma de desinformação (BRITO, 2015).

Por outro lado, mesmo com tanto material revelado, o *Wikileaks* não representaria uma transparência total dos governos, por estes ainda guardarem um grande arsenal de segredos e documentos não revelados ao público (ASSANGE, 2013). Este ponto, porém, acaba sendo uma crítica feita, também, à própria organização, pelo fato de eles afirmarem ter material armazenado não expostos para a população (SERRA, 2012).

Relações com a mídia *mainstream*

O *Wikileaks*, em seu próprio *website*, apresenta como parceiros diversos jornais de alta distribuição para o público, tanto de seus próprios países quanto pelo mundo, como *The New York Times*, *The Guardian*, O Globo, *The Washington Post*, *Der Spiegel* e *El País*⁸. Como afirmado por Assange (2015b), o problema da autocensura, já abordado, e da hegemonia de uma agenda na mídia pode, muitas vezes, dificultar o impacto buscado e esperado com a divulgação de um material:

então, muitos dos procedimentos que usamos não são apenas para tentar minimizar os riscos das pessoas mencionadas no material, mas sim os riscos de oportunistas tentarem reduzir o impacto do material quando ele é publicado. Então, parte do trabalho que fazemos para maximizar o impacto envolve impedir esse tipo de ataque ao que publicamos (ASSANGE, 2015b, p. 114).

8. Disponível em: <<https://wikileaks.org/-Partners-.html>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

Downing (2002), ao reinterpretar a ideia de “intelectual orgânico” de Gramsci (que deveria se integrar com as massas) como o “comunicador ou ativista”, coloca-o com o papel de atingir a hegemonia capitalista que, por muitas vezes, leva à autocensura dos trabalhadores da mídia convencional (DOWNING, 2002). Um exemplo é a conturbada relação de Julian Assange com algumas mídias estadunidenses, como o *The New York Times*, durante a revelação de telegramas da diplomacia dos Estados Unidos em 2010, conhecido como *Cablegates*, ao mesmo tempo em que o governo exercia pressão sobre esses jornais (LEIGH; HARDING, 2011).

Da mesma forma, de acordo com o relatado por Glenn Greenwald (2014) ao ajudar Edward Snowden a revelar documentos secretos sobre espionagem que geraram impacto em todo o mundo, a mídia dos Estados Unidos não cumpre mais um papel de cobrar transparência e expor excessos de governos, mas se tornou aliada destes. Por outro lado, os assuntos abordados em uma mídia contra-hegemônica ou radical podem, muitas vezes, transbordar para pautas da mídia tradicional (DOWNING, 2002).

A retirada de seis artigos do *website* do jornal *The Guardian*, em 2003, devido a prováveis ameaça de processos legais, é um exemplo de como o governo busca, através de sua força coercitiva, intimidar mídias dependendo de seu conteúdo (ASSANGE, 2015b). Controlar grupos que não estão de acordo com interesses da classe vigente, seja pelo consentimento ou pelo uso da força (incluindo, aqui, o aparelho judiciário do Estado), é necessário para a manutenção da ideologia hegemônica (RAMOS, 2011). O *Wikileaks* conseguiu burlar esta maneira de “censura pós-publicação”, que ocorre em grandes jornais como *Der Spiegel* e *The New York Times*, conseguindo acesso aos conteúdos deletados e publicando-os em seu próprio domínio, disponibilizando-os ao público novamente (ASSANGE, 2013).

Clandestinidade

Por sua necessidade de estar sempre mudando de lugar e buscando sigilo, a estratégia de atuação utilizada pela organização é comparada, por Assange (2015b), a de uma guerrilha. Também por sua atuação contra-hegemônica, em seu contexto específico, Lenin (1988) abordará como, na Rússia, havia a necessidade da atuação clandestina do Partido Comunista, seus membros e, ainda, dos jornais comunistas que tentavam aproximar a classe trabalhadora

dos ideais do Partido. Esta realidade, porém, parece se repetir na Itália, onde o Partido Comunista Italiano realiza, nas primeiras décadas dos anos 1990, diversas conferências e reuniões clandestinas (GRAMSCI, 1999).

A importância da clandestinidade para o chamado “príncipe moderno”, o partido contra-hegemônico da classe proletária, garantiria a continuidade de sua ação mesmo em momentos de forte repressão (NERES, 2012). Este, como meio de organização da classe dominada capaz de atingir a ordem hegemônica, teria, à princípio, uma atuação voltada para construção de novos blocos históricos dentro de cada fronteira nacional (COX, 1993).

Contudo, a ascensão da internet, que através do virtual aproxima pessoas e entidades de diferentes partes do mundo, também possibilita o anonimato de autores, deixando-os, muitas vezes, em segundo plano (LÉVY, 2010). Protegendo a identidade das fontes, o *Wikileaks* consegue garantir que suas informações se espalhem pelo mundo e se tornem *bem comum* sem colocar em risco a vida do *whistleblower* (BENTES, 2015).

Ainda como forma de garantir a segurança das informações transmitidas, o uso da criptografia se mostra essencial para o movimento contra-hegemônico proposto pela organização (ASSANGE, 2013). Criptografar um arquivo significa colocar os dados contidos nele em um código matematicamente criado para dificultar seu descobrimento, levando ao público geral uma maneira de se comunicar sem ter suas mensagens interceptadas (LÉVY, 2010).

Os cypherpunks podem instituir um novo legado na utilização da criptografia por parte dos atores do Estado: um legado para se opor às opressões internacionais e dar poder ao nobre azarão. A criptografia pode proteger tanto as liberdades civis individuais como a soberania e a independência de países inteiros, a solidariedade entre grupos com uma causa em comum e o projeto de emancipação global (ASSANGE, 2013, p. 22).

Pierre Lévy (2010) atenta, porém, para a disputa existente entre os Estados para a posse de instrumentos de criptografia, que reflete uma hegemonia estadunidense dessas tecnologias sobre outros países (LÉVY, 2010). O campo de batalha existente na internet e em suas possibilidades para as mídias radicais, onde busca-se democratizar as informações e o acesso, ainda se encontra abalada pelos interesses de Estados e grandes corporações em privatizar e limitar a rede de comunicação global (DOWNING, 2002).

Atuação

As sessões seguintes serão baseadas na introdução de três episódios brevemente introduzidos que envolvem vazamentos de documentos e informações secretas levadas a público pelo Wikileaks. Levando em consideração a discussão já realizada sobre sua estrutura e estratégia, espera-se encontrar, de maneira preliminar, nos exemplos, como ocorre a atuação da organização, buscando compreender o modo como ela se comporta e impacta o cenário internacional com suas revelações.

Eleições nos EUA em 2016

Em 22 de julho de 2016, durante a campanha eleitoral estadounidense, o *Wikileaks* levou a público mais de 44 mil e-mails de personagens-chave do Partido Democrata, como do diretor de comunicação Luis Miranda e do diretor financeiro nacional Jordon Kaplan⁹. O material, revelado em duas partes pela organização, tornou público um possível sentimento desfavorável de figuras relevantes do partido com relação a Bernie Sanders, adversário de Hillary Clinton durante as eleições primárias, disputada dentro do próprio partido¹⁰.

Democratizar a informação sobre os interesses de pessoas importantes inseridas em um dos principais partidos estadunidenses atinge uma das instituições políticas que, para Gramsci, promovem o consenso na sociedade civil, e assim garantem a manutenção da hegemonia da classe dominante (COX, 1993). Por liberar o acesso aos e-mails de maneira íntegra e completa, sem alterações, o grupo se mostra fiel ao ideal de dar acesso público às fontes primárias.

Apesar das especulações sobre a interferência do governo russo nas eleições americanas, utilizando a organização *Wikileaks* para revelar documentos que colocavam o Partido Democrata em situação desagradável, estas não podem ser comprovadas, como aponta Glenn Greenwald (2016). Documentos verdadeiros enviados por um governo para obter vantagens sobre outro devem ser publicados pelo grupo, segundo Assange (2015b), pois é tarefa deste buscar e promover a transparência, independente da fonte (ASSANGE, 2015b; GREENWALD, 2016).

9. Disponível em: <<https://wikileaks.org/dnc-emails/>>. Acesso em: 28 maio 2017.

10. Disponível em: <<https://wikileaks.org/dnc-emails/emailid/11056>>. Acesso em: 28 maio 2017.

Ainda de acordo com Greenwald (2016), uma preocupação com a revelação dos e-mails é o fato de que, por terem sido expostos na íntegra, informações privadas de pessoas que não cometeram crimes ou atos considerados antiéticos também foram publicados (GREENWALD, 2016). Tal estratégia se mostra incompatível com a filosofia do *Wikileaks*: “Privacidade para os fracos, transparência para os poderosos” (ASSANGE, 2013, p.11-12).

Yemen Files

Os 500 documentos revelados pelo *Wikileaks*, vindos da Embaixada dos Estados Unidos na cidade de Sana’a, no Iêmen, em 25 de novembro de 2015, também atingem Hillary Clinton, por se tratar, em grande parte, do período em que esta foi Secretária de Estado dos EUA, entre 2009 e 2013, além dos primeiros dois anos de John Kerry como Secretário de Estado, em 2014 e 2015¹¹. Os documentos divulgados, ainda segundo o grupo, expõem o fato de que os Estados Unidos armou, treinou e financiou o exército do Iêmen até poucos meses antes do início da guerra na região¹².

A pouca atenção da mídia Ocidental a situações ocorridas em algumas regiões no mundo não parece mudar com a atuação do *Wikileaks*, ou com o uso das novas tecnologias (ASSANGE, 2015b). Este ponto se relaciona diretamente com a ideia de desinformação como ausência de informação desenvolvida por Brito (2015), onde a população é nada ou pouco informada sobre determinado assunto (BRITO, 2015). A guerra de posição que deveria ser realizada para a formação de um novo bloco histórico, passa, inclusive, pela quebra da hegemonia existente em instituições da sociedade civil, como a mídia tradicional (COX, 1993).

JÁ: O genocídio de Ruanda. É, acho que teria sido um pouco diferente se eles tivessem internet e mais linhas telefônicas em Ruanda. Acho que a mensagem teria se espalhado mais. Ou talvez nem tanto: todo o horror que está acontecendo hoje no Congo na verdade não está recebendo muita atenção do Ocidente (ASSANGE, 2015b, p. 108).

11. Disponível em: <<https://wikileaks.org/yemen-files/>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

12. A Guerra Civil do Iêmen, iniciada em 2015, é um conflito que ocorre devido a duas forças políticas que disputam o governo: o Movimento Separatista do Sul, apoiando o atual presidente Abd Rabbuh Mansur Hadi e os Houthis, que apoiam o ex-presidente Ali Abdullah Saleh (SHARP, 2015).

Pierre Lévy (2010) entende que quanto mais universal é o ciberespaço, menos totalizável ele se mostra, pois quanto mais fontes de informação e expansão da comunicação pela internet, mais difícil é para contemplar o conhecimento diversificado existente no fluxo de dados ao redor do mundo (LÉVY, 2010). O papel da mídia radical de proporcionar a verdade ao alcance do público contestaria mentiras e levaria novas informações que a censura não permite os meios de comunicação tradicional publicar (DOWNING, 2002).

Vault7

Um dos aspectos importantes para o funcionamento eficiente da mídia radical, demonstrado na obra de Downing (2002), inspirado nas ideias do educador Paulo Freire, é a proximidade com a linguagem e cultura popular do público, para assim conseguir democratizar a informação que se busca expor (DOWNING, 2002). Com isso, o *Wikileaks* busca, como estratégia, editar os documentos antes de publicá-los junto de jornais, não somente para proteger as fontes, mas igualmente para garantir que o potencial do material não seja reduzido pelos próprios meios de comunicação (ASSANGE, 2015b).

O *Wikileaks* escolheu revelar os documentos da maior série de vazamentos sobre a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), chamada “Vault7”, em diversas partes, divulgando, por exemplo, a maneira pela qual o governo estadunidense consegue acesso a diversos sistemas de dispositivos eletrônicos, como *Android* e *IOS*¹³. As publicações levantaram críticas da tecnosocióloga Zeynep Tufekci (2017), que questionou o sensacionalismo feito pela organização sobre o material exposto ao envolver empresas como *Whatsapp* e *Signal*, que, segundo ela, não são mencionadas nos documentos da CIA (TUFEKCI, 2016).

Afastando as informações da linguagem popular e tornando obscuro seu conteúdo, a organização se aproxima da maneira de desinformar pela superexposição de informações (BRITO, 2015). Este ponto, inclusive, levanta críticas sobre a exposição de pessoas vulneráveis dentro do material publicado por conta da falta de edição necessária para manter o sigilo de indivíduos não envolvidos em crimes ou atos considerados antiéticos (DOMSCHEIT-BERG, 2012).

Considerações finais

13. Disponível em: <<https://wikileaks.org/ciav7p1/>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

Apesar do pouco desenvolvimento dos três episódios acima, estes buscaram exemplificar a discussão realizada anteriormente sobre a estrutura e a estratégia utilizada pelo *Wikileaks* para se inserir no ambiente internacional. Como resultado preliminar sobre os exemplos de atuação abordados, entende-se que: O primeiro, tratando da atuação do grupo durante as eleições estadunidenses, revela a importância dada à autenticidade do material exposto e como a organização lida com o anonimato das fontes e informações de envolvidos; O segundo, que aborda os arquivos sobre o Iêmen, apresenta limitações para a tentativa do *Wikileaks* de potencializar os assuntos na mídia tradicional; O terceiro, ao expor documentos secretos sobre a CIA, demonstra como a estratégia de dar acesso à fonte primária feita pela entidade pode, muitas vezes, levar a uma quantidade de documentos grande, com diferentes interpretações. Assim, o grupo busca transformar os dados expostos em material acessível para a população.

Entende-se, com a pesquisa realizada, que, apesar de seu ativismo pela transparência nos Estados, expondo atitudes das classes dominantes em todo o mundo, o *Wikileaks* necessita ser entendido como um ator com interesses políticos e sociais próprios. Podendo ser vista como uma mídia contra-hegemônica, ou mídia radical, é um grupo que, através da internet e, em grande parte, com apoio de fontes anônimas e fluxo de dados criptografados, busca questionar a censura existente na sociedade civil.

Por ter conquistado uma confiança de possíveis *whistleblowers*, a organização se tornou referência e, com isso, ganhou credibilidade perante a mídia e o público geral com relação à autenticidade dos documentos e informações que revela (ASSANGE, 2015b). Como mídia radical, conseguiu construir parcerias com mídias que, a princípio, reproduziriam interesses da classe dominante, porém com uma estratégia que garantiria a potencialização das informações reveladas. Inserindo-se no xadrez global das relações internacionais, o grupo representaria uma consequência do crescimento da demanda por transparência e questionamentos de setores da sociedade sobre a ordem mundial vigente.

Referências

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação, Conhecimento e Democracia no Capitalismo Cognitivo. In: ALBARGI, Sarita; COCCO, Giuseppe. **Revolução**

- 2.0 e a Crise do Capitalismo Global.** Rio de Janeiro: Garamond, p. 40-58, 2012.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estados. In: ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, p.338, 1999.
- ASSANGE, Julian. Interview with Julian Assange: 'We Are Drowning in Material'. **Spiegel Online.** 20 jul. 2015a. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/world/spiegel-interview-with-wikileaks-head-julianassange-a-1044399.html>>. Acesso em: 02 abr. 2017.
- ASSANGE, Julian. **Cyberphunks: Liberdade e o Futuro da Internet.** São Paulo: Boitempo, p.168, 2013.
- ASSANGE, Julian. **Quando o Google encontrou o Wikileaks.** São Paulo: Boitempo, p.380, 2015b.
- BENTES, Ivana. **Mídia-multidão: estéticas de comunicação e biopolíticas.** Rio de Janeiro: Mauad Editora, p.200, 2015.
- BRITO, Vladimir de Paula. **Poder informacional e desinformação.** Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político.** Rio de Janeiro: Campus, 2012a, p.328.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A Época Neoliberal: Revolução Passiva Ou Contra-Reforma? **Novos Rumos**, Marília, v. 49, n. 1, p. 117-126, jan./jun, 2012b. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2383/1943>>. Acesso em: 13 maio 2017.
- COX, R. W. Social forces states and world orders. **Millennium journal of international studies.** Vol.10, No.2, p 126-155, 1981.
- COX, R. W. Gramsci, Hegemony and International Relations: an Essay in method. In: Gill, Stephen (ed.), Gramsci, **Historical Materialism and International Relations.** Cambridge: Cambridge University Press, p.49-66, 1993.
- DOMSCHEIT-BERG, Daniel. **Nos bastidores da Wikileaks.** Leya, p.280, 2012.
- DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** São Paulo: Editora SENAC, p.544, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, p. 496, 1999.
- GREENWALD, Glenn. **Sem lugar para se esconder: Edward Snowden, a NSA e a espionagem do governo americano.** Rio de Janeiro: Sextante, p. 288, 2014.
- GREENWALD, Glenn. Arms Races In Transparency And Secrecy. **Journal of International Affairs.** 70, 1, 195-199, 2016. Disponível em: <<https://jia.sipa.columbia.edu/arms-races-transparency-and-secrecy>>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- GRIFFITHS, Martin. **50 Grandes estrategistas das relações internacionais.** São Paulo: Contexto, p. 396, 2004.
- HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais.** Porto Alegre: Edi-

tora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p.312, 2008.

LEIGH, David; HARDING, Luke. **Wikileaks: A Guerra de Julian Assange contra os Segredos de Estado**. São Paulo: Verus, p. 328, 2011.

LENIN, Vladimir Ilich. **Que fazer?** São Paulo: Hucitec, p. 249, 1988.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, p. 249, 2010.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, p. 249, 1846.

MARX, Karl; Engels Friedrich. Contribuição à crítica da Economia Política. In: NETTO, José Paulo; YOSHIDA, Miguel Makoto Cavalcanti (Org.). **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MEY, Stefan. **Leak-o-nomy**: The Economy of Wikileaks (Entrevista com Julian Assange). Medien-Ökonomie-Blog. 4 jan. 2010. Disponível em: < <http://www.onlinejournalismblog.com/2010/01/17/leak-o-nomy-the-economy-of-wikileaks/>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

MORAES, Dênis de. **Crítica da Mídia e Hegemonia Cultural**. Rio de Janeiro: Mauad C: FAPERJ, p.296, 2016.

NERES, Geraldo Magella. **Gramsci e o “Moderno Príncipe”**: a teoria do partido nos Cadernos do Cárcere. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 249, 2012.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Brasil: Elsevier Editora Ltda, p. 249, 2005.

OLIVEIRA, J. M. F. **A Urgência de uma Legislação Whistleblowing no Brasil**, 2015. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado. maio 2015 (Texto para Discussão nº 175). Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td175>> Acesso em: 09 abr. 2017.

RAMOS, Leonardo César Souza. **Hegemonia, Revolução Passiva e Globalização: O sistema G7/8**. 2011. 336 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0710843_2011_Indice.html>. Acesso em: 13 maio 2017.

SERRA, M.. Wikileaks: el poder entre bastidores. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, Norteamérica, 18, jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/39366/37912>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

SHARP, Jeremy M. Yemen: Civil War and Regional Intervention. Washington DC: **Congressional Research Service**, 2015. Disponível em: <<https://www.fas.org/sgp/crs/mideast/R43960.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2017.

SILVA, Marco Antonio de Meneses. Teoria Crítica em Relações Internacionais. **CONTEXTO INTERNACIONAL**. Rio de Janeiro, vol. 27, no 2, jul./dez. 2005, p. 249-282. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v27n2/v27n2a01.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2017.

SILVEIRA, Serio Amadeu da. Redes Cibernéticas e a Reconfiguração da Biopolítica. In: ALBARGI, Sarita; COCCO, Giuseppe. **Revolução 2.0 e a Crise do Capital**

lismo Global. Rio de Janeiro: Garamond, p. 40 – 58, 2012.

SOUZA, Herbert Glauco de. **Contra-Hegemonia: Um Conceito de Gramsci?** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação: Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9QBFMY/disserta__o_herbert_corrigida.pdf>. Acesso em: 11 maio 2017.

TUFECKI, Zeynep. WikiLeaks Isn't Whistleblowing. **The New York Times**. 04 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/05/opinion/what-were-missing-while-we-obsess-over-john-podestas-email.html>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

TUFECKI, Zeynep. The Truth About the WikiLeaks C.I.A. Cache. **The New York Times**. 10 mar. 2017. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2017/03/09/opinion/the-truth-about-the-wikileaks-cia-cache.html>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, p.216, 1979.

WIKILEAKS. **What is Wikileaks**. 2015. Disponível em: <<https://wikileaks.org/What-is-Wikileaks.html>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

Recebido em: 10/09/2017

Aprovado em: 21/02/2018